

HERÓIS NO MAR, HEROÍAS NA TERRA: VILA MADALENA, UM PORTO SEGURO

Yvone Dias Avelino

Este artigo é o resultado parcial de uma pesquisa sobre o Bairro de Vila Madalena, em São Paulo, que acolheu imigrantes portugueses desde o início do Século XX, até meados dos anos 60, apresentada por nós no *IV Encontro Internacional sobre A Emigração Portuguesa para o Brasil: Nas Duas Margens. Os Portugueses no Brasil*, realizado entre 21 a 25 de Julho de 2008 na Universidade Lusíada do Porto, cidade do Porto, em Portugal. Várias foram as fontes que já burilamos para esta pesquisa, tais como Documentação Oral, Carteiras Modelo 19 (registros de identidade), Livros de Registros de chegada de imigrantes, fotografias, jornais, registros de compra e venda de imóveis entre outros. Nesta nossa explanação, trazemos principalmente as contribuições que recebemos da Fonte Oral, pois acreditamos que é ela teoricamente, para os historiadores, de grande utilidade.

Houve uma época em que apenas alguns historiadores reconheciam a utilidade da técnica, sendo pouco o seu uso prático. Restringia-se a alguns eruditos da área, ao contrário do hoje, onde ela encontra uma grande aceitação em diversas áreas do conhecimento, especificamente entre os historiadores

A Documentação Oral parte da descoberta do passado, e de fontes que se buscam localizar, apreendendo, compreendendo, estabelecendo um sentido do que foi, do que aconteceu. Esta linha de preocupações nos conduziu à confecção de documentos não só fidedignos quanto à procedência, mas ricos de conteúdos¹ também.

Deste projeto de pesquisa centrado no cruzamento de fontes orais e escritas resultou em um momento de nosso trabalho com a Fonte Oral um Museu de Rua, e um farto e expressivo material, com várias entrevistas realizadas, cujas fitas foram transcritas pelo grupo de pesquisadores à época, e que fazem parte de um acervo que se encontra na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A Documentação Oral enquanto técnica possibilita o aparecimento de um tipo especial de fontes. O registro oral, diferentemente da autobiografia, é produzido pela interação entre entrevistador e entrevistado, assumindo o primeiro um papel fundamental. Dar ouvidos aos que viveram a história é para Thompson empreender a representação do passado². A palavra daquele que viveu a História assume um papel muito significativo. A História Oral cresceu “como uma

¹ FROTA, 1985.

² THOMPSON, 1978.

bola de neve”³, e nas últimas décadas, passou a ocupar um espaço privilegiado no universo não só Historiográfico, mas no conjunto das Ciências Humanas⁴.

Ao utilizarmos a entrevista para recuperarmos a trajetória, a construção e o desenvolvimento desta vila, através da fala dos seus agentes, optamos proceder mais como um diálogo, onde o outro fala mais do que uma “entrevista dirigida”, passível de se transformar em uma fonte objetiva. Acreditamos que apenas esta explicitação permite-nos entender a dimensão do outro, que constrói o seu próprio domínio do passado com serenidade, na organização da sua memória a partir daquela situação. A espontaneidade, a sinceridade e as questões éticas assumem assim um papel fundamental nesta perspectiva. A entrevista espontânea, levada essencialmente pelos interesses do entrevistado constitui-se em potencialidade da construção de uma “self-imagem”, que se afirma a partir de um universo cultural específico.

Desta forma, a memória que é veiculada pela narrativa da História de Vida, registrada mecanicamente e logo transposta para o texto escrito, antes de ser algo dado a priori, passível de ser resgatada, é uma “invenção”, uma construção que se instituiu a partir da interação entre os dois “selves”⁵.

É necessário com esse procedimento ter paciência e cautela, posto que aumenta a responsabilidade ética do pesquisador, que enfrenta o problema das relações de poder, que se estabelecem no trabalho com a Documentação Oral em todas as suas etapas, desde os contatos preliminares, passando pela entrevista, e chegando à fase de transcrição e análise⁶. Neste sentido, a redefinição de metodologia e técnicas se apresenta como uma necessidade decorrente destas intenções específicas. Assim sendo, optamos pela entrevista não-diretiva, técnica esta, que mais se adaptava ao nosso trabalho de campo, visto estarmos lidando com personagens populares, não acadêmicos, nesta primeira fase da pesquisa. Isto não significa um silêncio do entrevistador frente ao entrevistado, mas sim de uma posição interativa do primeiro frente ao segundo, pois é através dele que se realiza a direção da entrevista. O entrevistado dá conta de suas experiências subjetivas a respeito de acontecimentos que tenha visto, escutando ou participando. Enquanto o entrevistador, por sua vez, deve estar atento ao propósito de não conduzir a entrevista aos seus fins e de atentar também para os aspectos dados como importantes pelos entrevistados, os quais podem ser indicadores do seu grau de compromisso com a situação. Na História Contemporânea, muitos fenômenos históricos são produzidos a partir da palavra. É a palavra pois, o veículo que mensura a importância do acontecimento. Aliada ao vídeo, a palavra foi transformada em ato, dando às declarações, discursos e entrevistas um cunho que data os nossos tempos de um presente pleno de “História”⁷.

³ NEVINS, 1984.

⁴ GALLIAN, 1992.

⁵ GALLIAN, 1992: 32.

⁶ GALLIAN, 1992: 33.

⁷ FROTA, 1985: 50.

Seguindo esta linha de reflexão, apontamos o prefácio do livro *Vila Madalena: História, Fatos e Fotos*⁸, do jornalista Gilberto Dimenstein, coordenador do Projeto Cidade Escola Aprendiz, projeto este que propõe transformar o bairro em escola, retirando meninos pobres da rua, onde narra:

O Fascínio que Nova York exerce no mundo é, em essência, o fascínio que Vila Madalena exerce na Cidade de São Paulo. A “Vila” consegue ser uma ilha paulistana onde se mesclam cosmopolitismo e provincianismo, aglutinando boemia, arte e intelectualidade. Não é um bairro homogêneo: encontram-se apartamentos milionários próximos de cortiços, que fazem lembrar os primórdios da ocupação do bairro. Andar à pé pela “Vila” é um delicioso programa para quem está disposto a fazer paradas estratégicas e conversar com seus personagens: artesãos, artistas plásticos, músicos, e gente simples, com uma boa história para contar.

Esta é a Vila Madalena de hoje. Agitada, movimentada, eclética, com personagens de variadas nacionalidades e com casas, construções e arquiteturas comerciais que lhe dão coloridos degradês, feições multicoloridas, que a enfeitam e lhe dão uma identidade original.

Mas ontem, em uma outra época, um outro século, a Vila não se apresentava tão glamourosa como hoje. Era pacata, com uma população pequena, constituída por comunidades de portugueses, italianos, espanhóis e negros, definidas pontualmente. A população portuguesa era maioria, e era essa população que cuidava de grande parte da organização dos eventos, tanto religiosos, como esportivos, sociais e educacionais.

A Vila Madalena, no início do século XX, era apenas uma seqüência de morros, que começava próximo ao chamado Córrego do Rio Verde, e terminava perto do Córrego das Corujas. Era uma imensa gleba de terra. Havia árvores frutíferas e capinzais ótimos para o pasto de gado. Na época, apenas poucos se arriscavam para um passeio a cavalo, ou a pé, para caça a aves. Os locais aonde havia mais movimento eram o Largo dos Pinheiros, hoje conhecido como Largo da Batata. As pessoas apenas andavam a cavalo, ou de carroça, na chamada Estrada das Boiadas, hoje Avenida Dr. Diógenes Ribeiro de Lima, que termina no visinho Bairro da Lapa.

Na entrevista⁹ realizada com Dona Maria Justo, de 84 anos, filha de imigrantes portugueses que fazem parte dos sujeitos da nossa pesquisa, que ocuparam este território no início do século XX, a mesma confirma essa mudança progressista do antigo bairro pacato:

⁸ AFONSO, 2002.

⁹ Entrevista realizada por Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim e Carlos Danilo Oliveira Lopes, pesquisadores do NEHSC, utilizando a técnica da Documentação Oral, em 27 de Junho de 2008, com Dona Maria Justo, na residência da mesma, situada à Rua Aspícueta, 334 – Vila Madalena – São Paulo.

Naquela época, a Vila Madalena era um encanto de vila, porque era uma vida bem família, não tinha asfalto, só tinha água de poço, não tinha água de rua, não tinha luz na rua. Então, era uma vida bem família. Agora não, agora é só restaurante, boteco, eu não sei onde essa gente arranja tanto dinheiro, que não é gente da Vila Madalena que gasta aqui. Pra não dizer que eu nunca entrei em nenhum lugar, eu fui nesse restaurante português que se chama Pois-Pois, porque só tem bacalhau. Foi meu irmão Ivo e a Mara que me levaram duas vezes, porque eu não saio, vou comer onde? Agora aqui você não vê casas, só tem restaurante. Tem a minha e a da vizinha, e toda hora o pessoal das imobiliárias vem bater na porta para saber se a gente quer vender, não tem casa para morar, toda hora vem gente perguntar se eu não tenho quarto para alugar.

Meus pais vieram para o Brasil, vieram como imigrantes. Naquela época havia os navios que levavam “um século e meio para chegar”, minha mãe falava que a primeira casa na qual ela morou foi no Brás, de lá ela veio aqui para a Rua Saracura, que hoje nem tem mais esse nome.

Vieram para cá muitos imigrantes portugueses, mas já morreram quase todos. Meu pai veio com a minha mãe no mesmo navio, eles tinham amizade, nem pensavam em namorar. Aqui no Brasil eles se encontraram, namoraram e casaram. Foi então que vieram morar na rua Saracura. O primeiro emprego que meu pai conseguiu aqui foi no Instituto Paulista, lavar defuntinho, e minha mãe trabalhava na lavanderia. Ela trabalhou bastante tempo ali. Então nós nos mudamos, depois de muitos anos viemos aqui para a Heitor Penteado. Meu pai tinha uma chácara que vendia leite para fora, ali perto da Igreja do Calvário. O Calvário era uma capela. Então, meu pai tirava leite e a gente entregava pelo bairro. Naquele tempo, não era pasteurizado, tirava da teta da vaca e já entregava para os clientes, mas os fiscais da prefeitura começaram a dar em cima, meu pai começou a ficar doído, porque... eles vinham toda hora... ele resolveu largar de fazer aquilo.

A Vila era mato, não tinha bonde, aí a gente saía com um sapato velho, era só lama, tinha um bar ali na esquina, ali perto onde tinha uns portugueses que eram amigos da gente. Deixávamos lá num cantinho do boteco dele o sapato sujo de barro, calçávamos outro limpo e íamos para a cidade. Fazíamos compras no Mercado Municipal. Naquele tempo, a gente deitava e rolava, andava e não tinha preguiça. Quando voltava, tirava o sapato limpo e calçava o sujo. Depois veio o asfalto para a Vila Madalena. Aí o bonde começou a vir até aqui. Foi no governo Jânio Quadros, em 1957 e foi quando eu virei funcionária pública.

Com o início das vendas de terras, da formação de loteamentos, foram se formando vilas dentro da própria Vila, criadas por grupos de parentes e amigos, que vinham chegando ou de outros bairros, como é o caso dos pais de Dona Maria, que vinham do Bixiga, ou outros, que vinham diretamente de Portugal. Foram chegando, então, e fixando-se na região. Propositalmente, como nos narra Lúcia Helena Gama¹⁰, como se possuíssemos uma lente de aumento para perceber a emergência de alguns traços dessa população cuja intimidade reteve

¹⁰ GAMA, 1998: 90.

vínculos sociais que aí se estabeleceram, encontramos nos relatos e nos documentos profissionais de nacionalidade portuguesa os que aí se estabeleceram: o barbeiro, a costureira, o leiteiro, o padeiro, o médico, que não apenas chegaram à suas portas, mas adentraram os seus lares e estabelecem relações. Relações de serviços muito diferentes da atual vida nas modernas metrópoles. Estes sujeitos foram diversificando suas profissões, e seus filhos, alguns, em algumas famílias que estudamos, tornaram-se servidores da limpeza pública, motorneiros, cobradores de bondes, padeiros, leiteiros, saqueiros, açougueiros, sapateiros, donos de “vendas”. Outros, de outras famílias, saltaram mais alto. Foram para as universidades, e hoje, são dentistas, professores universitários, médicos, engenheiros, advogados, formando na própria Vila, ou fora dela, um contingente de trabalhadores e de intelectuais que ajudaram esta cidade de São Paulo a crescer, a melhorar e a transformar-se, transformando também a Vila onde seus pais foram os pioneiros.

Com a construção do Cemitério São Paulo na Vila Madalena, autorizada pela Câmara Municipal de São Paulo em 1920, gerou-se mais um grande número de empregos: pedreiros, pintores, carpinteiros, encanadores, jardineiros, serventes e coveiros. Os cemitérios do Araçá e da Consolação, que eram próximos à Vila também empregaram muitos dos que chegavam¹¹. Alguns tornaram-se funcionários públicos efetivos da Prefeitura Municipal de São Paulo, trabalhando ou nesses cemitérios, ou no Departamento de Limpeza Pública, indo trabalhar no forno de lixo, no bairro do Sumaré. A coleta de lixo era feita com carroça, e descarregada neste local, onde o incinerador queimava o lixo da cidade.

Concomitantemente, estas terras da Vila iam sendo adquiridas através das primeiras economias dessa brava gente portuguesa, que trabalhava duro, não escolhia serviço e sabia poupar. As terras compradas eram registradas no Registro de Imóveis da 1.^a Circunscrição da Comarca da Capital do Estado de São Paulo. Algumas terras mais distantes eram griladas, ou seja, ocupadas indevidamente, fazendo-se Usucapião¹². A Vila tomou ares de vilarejo, onde nas esquinas havia empórios e botecos. Segundo Ênio Squeff¹³:

A escritora Gertrude Stein, magnificamente retratada por Picasso em um de seus melhores óleos, num livro que ficou famoso, escreveu repetidamente a frase “uma rosa é uma rosa, é uma rosa” e por aí afora, indefinitivamente. Sem querer imita-la, (mas já a imitando) poder-se-ia dizer que a “Vila Madalena é uma vila, é uma vila, é uma vila”, também eternamente, e tudo para enfatizar que, se a Vila Madalena já não é, hoje em dia, rigorosamente uma “vila”, um dia ela o foi. E com todas as implicações que o termo sugere.

Na verdade, a palavra vila é bem mais antiga do que a nossa imaginação possa construir, tanto pelo que sabemos dela, quanto pelo que a própria História

¹¹ AVELINO, 2008.

¹² FERREIRA, 1975: 1434. Modo de adquirir propriedade móvel ou imóvel, pela posse pacífica e ininterrupta da coisa durante certo tempo. Prescrição aquisitiva.

¹³ SQUEFF, 2002: 59.

do Brasil ensina. Que o diga o dicionário Houaiss, no qual a palavra “Vila” aparece como uma povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia. Considerada somente por essa primeira definição, a Vila Madalena talvez se encerre mesmo na fórmula sugerida por Gertrude Stein – de ser apenas uma vila; ou de não ser mais do que isso, já que um dia foi isso e muito mais”.

Os portugueses, nosso objeto de pesquisa, saíram de pequenas aldeias, dos vários cantos de Portugal, para se situarem na vila que era mais que uma aldeia, mas não era a cidade, embora circunscrita geograficamente à metrópole paulistana, que já se urbanizava, iniciava a industrialização e prometia ser uma grande megalópole.

A Vila Madalena do início do século XX originou-se de pequenas chácaras, como a Chácara de Francisco Mourato, hoje rua Mourato Coelho, esquina com a Rua Delfina; a Chácara do Instituto Pinheiros, imenso laboratório especializado em farmacologia, sobretudo vacinas; a Chácara do Paco, um espanhol que plantava flores e verduras para vender na região de Pinheiros; a Chácara das Vinhas, cujo dono cultivava uvas, e fazia um excelente vinho; Chácara da Primor, cujo proprietário montou a primeira padaria do bairro, com o mesmo nome da chácara. Naquele tempo, as padarias só faziam pão (ao contrário de hoje, onde encontramos no mesmo espaço doceria, supermercado, etc), e que no final da tarde, o pão era entregue nas casas, com carroças, cujos estacionamentos ficavam nas chácaras. A rotina das padarias começava logo cedo, para poderem levar o pão à mesa dos fregueses. As primeiras padarias foram de portugueses. Até hoje, ainda se brinca que padarias boas são de famílias de Alémmar, da Santa Terrinha:

Aqui na Vila, meu pai comprou uma padaria, coisa que nunca tinha sido... resolveu ser padeiro. Olha minha filha, se você soubesse quanto saco de sal e farinha eu carreguei... eu tinha uns doze anos, vim para a Vila Madalena com oito, veja há quantos anos eu moro aqui. Todos os meus irmãos trabalhavam, principalmente os mais velhos. Trabalhavam com meu pai na padaria, e meu pai só vendeu a padaria porque no tempo da guerra só vinha aquela farinha de glúten... hoje é moda comer pão de glúten, mas naquela época as pessoas reclamavam. Meu pai ficou com medo da farinha fazer mal e matar alguém, vendeu a padaria, se aposentou e nós viemos morar nessa casa. Meu pai, com o dinheiro da venda da padaria, construiu essa casa e aquelas duas ali no fundo, o terreno era grande, e esse foi o patrimônio que ele nos deixou. Olha o que eu trabalhei para ajudar... por isso falo, por trabalhar ninguém morre. Eu carregava saco de farinha e nós tínhamos um empregado mineiro, que podia me ver carregando o saco. Se não fosse hora de trabalhar, ele não dava nem bola, então são coisas que marcam a vida da gente.

As citadas chácaras serviam-lhes para subsistência, pois ali criavam porcos, galinhas, patos, plantavam hortaliças, erva-mate etc. Essa subsistência garantia o sustento dessas famílias, e possibilitava o sustento das novas famílias, criadas a partir dos matrimônios entre os jovens que ali conviviam.

Posteriormente, com o aumento do número de crianças, foi criada a primeira escola da Vila, em 1927. Era a Escola Mista Isolada Vila Madalena. Funcionava em dois períodos. Como havia pouco espaço físico e a Vila crescia, alguns moradores com a ajuda do Governo do Estado elaboraram um projeto para a construção de uma escola maior. Foram aproveitadas essas duas salas, e montou-se toda a instalação maior, que foi inaugurada em 1933, com o nome de Grupo Escolar de Vila Madalena. Uma escola grande para a época, que mantinha o curso primário.

E essa é a vida da gente... sabe o que eu sinto mais hoje? O fato de não ter mais amizade, naquela época todos os vizinhos eram amigos, a gente fazia festas enormes nas ruas, todos participavam, hoje não. Eu tenho uma amiga que mora nessa rua, velhinha também, que é minha amiga do tempo que nós tínhamos padaria, e até hoje nós somos amigas. Hoje não. Eu tenho amigas que estudaram comigo, ali onde hoje é o Banco Bradesco, era uma escola. Nossa professora era Dona Aparecida, uma mulata, e a gente queria a professora como mãe da gente. Quando hoje aparece na televisão aquelas históricas acusando a professora de bater no filho delas, eu tenho vontade de matar. Acha que a professora vai fazer alguma coisa com o filho delas de graça? Tenha dó! Eu adorava minhas professoras, e só fiz o primário porque não tínhamos condições de fazer mais nada, só se formaram meus irmãos mais novos, o Daniel se formou professor, e o Pedro se formou economista. A gente tinha que trabalhar para mantê-los, então a vida não foi brincadeira e se hoje a gente tem alguma coisa devemos a nós mesmos e aos meus pais.

No lazer, dedicavam-se ao futebol, com dois times: o E. C. União Operária, mais tarde, em 1939, chamado 1.º de Maio, e o E. C. Leão do Morro, de Vila Beatriz, tendo inclusive, um time de futebol feminino.

Os portugueses na Vila não descansaram enquanto não tiveram uma Igreja. Em 1944 iniciou-se uma campanha para arrecadação de fundos. Saíam pelas ruas em procissão, onde arrecadavam dinheiro e prendas. Após a missa das 9h00, no domingo, era feito um leilão. Com esse dinheiro deram início às obras da Capela que recebeu o nome de Capela São Miguel Arcanjo. As procissões aconteciam com quermesses, barracas, e percorriam as ruas do bairro, com os andores dos santos enfeitados. Mais tarde, a Capela deu lugar a uma nova construção, cujo arquiteto, recém-falecido, Joaquim Guedes, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP) projetou uma igreja em forma de barco, chamada de Igreja de Vila Madalena, cuja santa padroeira é Maria Madalena. O padre Olavo Pezzotti foi seu pároco por muitos anos, e através dele, que tinha um programa de rádio e posteriormente de televisão, na famosa Radiodifusora Tupi, conseguiram-se grandes benfeitorias, como calçamento, água, rede de esgoto, empregos, colégio estadual, com ginásio e colegial, bonde, ônibus, etc.

Depois veio o asfalto para a Vila Madalena, foi o padre Olavo que arrumou. Aí, o bonde começou a vir até aqui. Foi no governo Jânio Quadros, em

57, e foi quando eu virei funcionária pública. Minha vida daria um livro. Se eu pudesse, escrevia. Entrei como servente no Serviço Público, servindo café, lavando o chão e molhando plantas e não deixei de ser Maria Justo até hoje. Consegui esse emprego da seguinte maneira: o Jânio Quadros deu uns cargos de atendentes para trabalhar no hospital e outros de servente para o Padre Olavo, para ele distribuir como quisesse. Ele então me perguntou se eu queria trabalhar no governo. Disse que eu poderia ser atendente ou servente. Eu disse: – olha padre Olavo, vou ficar com o de servente, se eu não gostar caio fora, mas gostei, como eu não precisava tanto e tinha duas amigas que os pais tinham morrido, deixei o cargo de atendente para elas e fiquei como servente.

Depois de 17 anos e 3 meses como pároco da Igreja de Vila Madalena, em 13 de Outubro de 1968, Dom Agnelo Rossi, Cardeal de São Paulo, o transferiu para a paróquia de Nossa Senhora da Consolação. A saída dele foi muito triste, pois nem ele, e nem seus paroquianos queriam que isso acontecesse. Assim como os portugueses, Padre Olavo lutou pelo progresso da Vila¹⁴.

Meus pais nunca se arrependeram de ter vindo para o Brasil. Minha mãe nunca quis voltar para Portugal, meu pai voltou para vender umas terrinhas que ele tinha lá e foi o que ajudou a gente a construir essa casa aqui, a gente até insistiu para minha mãe ir com meu pai, mas ela disse não, disse que a terra dela agora era aqui, ela era brasileira. Depois que nós construímos essa casa meus pais não trabalharam mais, minha mãe era tratada que nem um bibelô, nós filhas não deixávamos que ela fizesse nada, com 50 anos ela não fazia mais nada... o médico achava ruim, falava que a gente tinha que deixar ela trabalhar, pelo menos arrumar sua própria cama.

Pelas histórias que meus pais contavam, se eles tivessem ficado em Portugal, a vida deles teria sido muito ruim, uma caca dos infernos, porque o Brasil é um país abençoado por Deus, minha mãe sempre falava, meu pai falava: – você joga um grãozinho de feijão ali no chão e nasce... em Portugal, meu pai teve uma vida muito sacrificada, ele trabalhava na lavoura. Eu tenho alguns primos lá. Eles têm fazenda, mas dão outro nome, cultivam azeitonas, minha sobrinha foi lá e achou lindo. Eu nunca fui para Portugal, tive tanta chance... mas primeiro foi minha mãe que eu tinha que cuidar. Agora estou velha... minha sobrinha quer levar a mim e minha irmã para lá... vamos ver. Olha, tem duas coisas na vida que me fazem chorar, morte já não me faz chorar, já chorei muito quando meu pai morreu, hoje eu tiro de letra... eu só choro quando toca o hino nacional brasileiro e também fico louca da vida que esses vagabundos desses jogadores não sabem nem cantar, é uma vergonha e choro quando toca o hino português, também choro. Tem o filho de uma amiga que se formou dentista e voltou para Portugal, minha sobrinha e o marido adoraram e ele fala: – Ah! Tia Maria come-se bem naquela terra.

¹⁴ PEZOTTI, 1968.

Dos antigos capinzais, das modestas casas, das ruas de barro, dos lampiões, da água de poço, a Vila a partir de 1950 passou a ter uma estrutura melhor, sendo considerada um dos bairros mais charmosos de São Paulo, recebendo o título de Vila das Artes, conquistando quem ali mora, que não deseja sair, e quem ali chega, que aprecia o que ela tem. A partir dos anos 90 até a passagem para o século XXI, a vida noturna é agitada, com sofisticados restaurantes, pizzarias, bares, confrarias, buffets, etc. Assim como modernas padarias, excelentes cafés, várias agências bancárias, mas a Vila ainda conserva algumas das antigas casas, que mesmo com as leis de zoneamento, não foram demolidas. Essas casas, assim como a de Dona Maria e outros nossos agentes convivem com imensos edifícios, de uma arquitetura moderna, transformando a Vila Madalena em um imenso bloco de cimento.

Não vamos neste artigo nos prolongar sobre este progresso até os dias de hoje. Muito ainda há para se contar dos filhos, dos netos e bisnetos desses imigrantes, desses portugueses que vieram para o Brasil e venceram, e garantiram aos seus descendentes, hoje prósperos e cultos, outros tempos, outras épocas, outros destinos, outros portos seguros.

BIBLIOGRAFIA

- AVELINO, Yvone Dias, 2008 – “Vila Madalena e a Imigração Portuguesa: Cultura, Trabalho, Religião e Cotidiano” in MATOS, Maria Izilda Santos de *et al.* (org.) – *Deslocamentos & Histórias: Os Portugueses*. São Paulo, EDUSC.
- AFONSO, Décio Justo, 2002 – *Vila Madalena: História, Fatos e Fotos (1900-200)*. São Paulo: Editora Nativa.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1975 – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FROTA, Luciara Silveira de Aragão e, 1985 – *Documentação Oral e a temática da Seca (Estudos)*. Brasília: Centro Gráfico, Senado Federal.
- GALLIAN, Dante M. Claramonte, 1992 – *Pedaços da Guerra: experiências com História Oral de Vida de Tobarrenhos*. USP (dissertação mimeografada).
- GAMA, Lúcia Helena, 1998 – *Nos Bares da Vida: Produção Cultural e Sociabilidade em São Paulo (1940-1950)*. São Paulo: SENAC.
- NEVINS, Allan, 1984 – The uses of Oral History, in DURAWAY, David; BAUN, Willa K. – *Oral History: an Interdisciplinary anthology*. Nashville: American Association for State and Local History.
- PEZOTTI, Olavo, 1968 – *Livro do Tombo*, Página n.ª 1 a 81. Registros da Igreja de Vila Madalena.
- SQUEFF, Ênio, 2002 – *Vila Madalena: Crônica Histórica e Sentimental*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- THOMPSON, Paul, 1978 – *The voice of Past: Oral History*. Oxford: Oxford Press.

